

Luiza Baldan

Embora ostentem imagens marcadas pela reiteração de momentos em que os grandes acontecimentos estão em recesso, os trabalhos de Luiza Baldan confrontam o espaço com a desconfiança de que ele não seja capaz de se oferecer de todo *vazio*. Parece haver ali uma disciplina de distanciamento com relação ao espaço fotografado, o que se traduz na figuração de recuos disponíveis à projeção da visão. Também pequenos elementos (uma caixa de correio, uma poltrona) aparecem nas imagens como que garantindo uma experiência mínima de escala (ainda que seja uma marca do trabalho a apreensão de situações em que os objetos não se encontram em profusão).

Tudo isso seria suficiente para fazer com que a essas imagens aderisse um sentido de abandono ou isolamento – outras acepções daquele “vazio”. Todavia, as fotografias de Luiza não elegem como central qualquer fração das imagens que capturam. Elas se esmeram, antes, na descrição ponto a ponto das imagens, plasmando toda a espacialidade que ali aparece, como se a percebessem com um caráter atmosférico muito específico – que não reside na apreensão difusa dos elementos que compõem as imagens, mas na difusão dos elementos mesmos, com a nitidez de suas texturas, cores, com a singularidade de cada um deles.

Resulta disso que muitas dessas fotografias se ofereçam em um estado de saturação ou grau de acumulação de planos e contraplanos que parecem se deslindar em superfície. Insinua-se uma interioridade, sim; e é ela que parece preencher, habitar as imagens. Mas trata-se de uma interioridade à qual não se tem total acesso: ela é marcada por um tipo de visão que se esforça em contemplar os objetos, as qualidades dos lugares fotografados, mas não se permite franquear completamente, retendo, afinal, algo da própria experiência de percorrê-los com minúcia, de mantê-los vivos, não se deixando escancarar decisivamente por meio de suas articulações.

Carlos Eduardo Ricciopo

Novembro 2010